

A peculiaridade e transversalidade das ciências da educação e gestão de desastre numa perspectiva pedagógica

The peculiarity and transversality of educational sciences and disaster management from a pedagogical perspective

<https://doi.org/10.46380/ecotemas-2025-2-10>

Dr. C. Laurindo Junga Canjo
Escola Superior de Guerra, Angola
cepieeducar@gmail.com

Recibido: 10/09/2025

Aprobado: 15/02/2025

Publicado: 01/04/2025

RESUMO

O mundo têm demonstrado que existem ciências privilegiadas por detrimento de outras, existe uma discriminação dos indivíduos que especializam-se nas ciências sociais, humanas, ambientais com maior incidência nas educacionais, por serem caracterizadas como ciências para pobres, e tais afirmações são sustentadas por uma determinada elite tecnocrata que ignoram as dimensões do ser humano, tal comportamento, está presente nas Américas, Europa, África e Ásia, estes atos são observados pelo valor que é dado a estes profissionais, associado aos honorários, visto que a humanidade esqueceu-se que estes são os que formam a sociedade, já que existem poucos países que dão dignidade a estes profissionais. De realçar que, não existe nenhum país do mundo que se desenvolveu sem antes ter um sistema de educação, ensino e investigação científica forte, quer queiramos ou não, as ciências da educação (interdisciplinares) são as responsáveis na construção do perfil de qualquer área do saber. A concepção dos currículos e conteúdos não é fruto do acaso, são sinergias redobradas e incessantes de buscas e comprovações, para que os processos formativos tenham solidez, respondam com os ideias sociopolíticas seja funcional, sustentáveis, inclusivos, dinâmicos e abertos. Estas áreas do saber são transversais, multidisciplinares e interdependentes em forma sistêmica. Com este artigo desejamos alcançar a mudança de consciência da sociedade e dos que elaboram as políticas públicas em darem a importância verdadeira das ciências, humanas, sociais, educacionais e ambientais, lembrando que só existe o hoje porque o ontem o antecedeu, e o amanhã é incerto e por isso deve ser planejado hoje de forma assertiva, pois, o ambiente é determinante.

Palavras-chaves: ciências da educação, transversalidade, currículo, consciência e políticas públicas.

ABSTRACT

The world has shown that some sciences are prioritized over others, leading to a discrimination against individuals who specialize in social, human, and environmental sciences, with a greater emphasis on educational sciences. These fields are often characterized as "sciences for the poor," and such claims are upheld by a technocratic elite that ignores the full dimensions of the human being. This behavior is present in the Americas, Europe, Africa, and Asia, and it's reflected in the value and salaries given to these

professionals. Humanity seems to have forgotten that these are the very people who shape society, and only a few countries offer these professionals the dignity they deserve. It's important to note that no country in the world has developed without first having a strong system of education, teaching, and scientific research. Whether we like it or not, educational sciences (which are interdisciplinary) are responsible for building the foundation of any field of knowledge. The design of curricula and content is not a matter of chance; it's the result of tireless, ongoing synergy, research, and validation to ensure that educational processes are solid, responsive to sociopolitical ideals, and are functional, sustainable, inclusive, dynamic, and open. These fields of knowledge are transversal, multidisciplinary, and interdependent in a systemic way. With this article, we hope to change the consciousness of society and public policy makers to give true importance to the human, social, educational, and environmental sciences. We must remember that today exists only because yesterday preceded it, and tomorrow is uncertain. Therefore, it must be planned for today in an assertive way, because the environment is a determining factor..

Palavras-chaves: educational sciences, transversality, curriculum, consciousness, public policies.

INTRODUÇÃO

O universo está cheio de teorias sobre a concepção pedagógica e paradigmas educativos, mas nem todos são inclusivos e integradores, podem até parecerem ser, mas que, fazendo *jus* de devoto a verdade, não é bem assim. Ao nosso ver quando se trata de processos pedagógicos, educativos e de ensino integradores e inclusivos, deve-se responder a totalidade dos problemas, pois, para alguns podem parecer menores problemas na sua óptica mas serem maiores que outros. Esta capacidade singular de observar o universal nos tornam em **ser** aberto.

Um dos maior problemas que apoquentam a humanidade são as consequências das alterações climáticas e a rápida degradação ambiental em todo universo, fruto da inobservância e irracionalidade da extração e o uso exacerbado dos recursos naturais existente na natureza, o que precipita o ciclos da ordem natural dos sistemas planetários. Dessa maneira, se a humanidade não traçar estratégias educativas transversais integradas e inclusivas, corre-se o risco de ocorrerem desastres com consequências iguais ou piores aos da COVID 19, onde nem as grandes potências não foram poupadas, os vírus devastaram cidades criando furores e luto para muitas famílias ricas e pobres, confino a humanidade, separou continentes, dividiu famílias. Com esta triste realidade se pôde apreender destas lições de que a riqueza e o dinheiro não conseguem evitar catástrofe alguma, o que se pode fazer é minimizar os seus impactos criando fortificações com planos e programas eficazes.

Por esta razão, o momento já não é de se esperar, o momento não é de culpabilizar alguém, mas sim, o momento é de agir com sabedoria e inerência, já que esta mudança que se quer buscar de consciência tem como vetores essenciais a educação, que se bem explorada e aplicada, os resultados serão benéficos para o ambiente como totalitária do real. Este vetor de transmissão cinge-se na articulação da educação, ensino e investigação de forma vinculativa e universalizada, com os padrões referentes às dimensões da gestão da qualidade dos paradigmas de emergência humanitária a serem adotados, tendo em conta as particularidades de cada localidade, respeitando sempre a identidade cultural de cada povo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A transversalidade das ciências da educação na vida do ser e a filosofia da culpa

É incongruente desassociar as ciências da educação com o conceito escola, por se entender que a escola é o espaço elegido para fazer acontecer as políticas educativas e científicas, isto é, pondo em funcionamento a manifestação das políticas pública para se formar o tipo de indivíduo que se quer ter na e em sociedade. Neste diapasão concatenada, a escola não existe para desestabilizar a identidade cultural de um povo, mas sim, para estabelecer uma relação entre o conhecimento científico e a cultura, fazer com que se tire melhor proveito dos conteúdos e “conhecimentos” culturais, e por ser a identidade incontornável de um povo, recai e pesa sobre o professor a grande responsabilidade de conduzir e dinamizar o processo em todos os níveis e subsistemas em: **saber, ser, estar e fazer**. Os gestores destas políticas educativas tem por missão resguardar os valores socioculturais da comunidade.

A preservação e o respeito aos valores culturais que sejam de fato conservados e respeitados, requer uma consciencialização e mobilização de si mesmo. É verdade que existem algumas culturas que são contrárias aos princípios constitucionais o que é pouco provável a sua continuidade, sendo que a promoção da vida e do bem-estar coletivo e individual deve ser o pressuposto legítimo. É de lembrar que nem sempre o legal promove o bem-estar coletivo, mas o bem-estar coletivo e individual pode rubricar a legalidade, por isso, abre-se um desafio aos legisladores em legitimar as tradições dos povos e não criarem rupturas que descaracterizem ou combatam os rituais, línguas, dança, indumentária, alimentação e o ambiente autóctones. É missão da escola transmitir estes conhecimentos de forma a se evitar desastres catastróficos culturais.

Do ponto de vista da lógica formal tudo o que observa é o que se conhece, mas do ponto de vista da cosmovisão e metafísica, nem sempre se observa àquilo que se conhece ou se sabe, pois, admite-se a possibilidade da existência de energias abstratas que produzem efeitos sobre o ser e para o ser, ainda assim, simplesmente acaba-se de não se conhecer a totalidade do real e do abstrato, ao passo que, o conhecimento sobre um objeto hipoteticamente reduz-se a nada. Tudo o que se sabe é uma ilusão dos sentidos que projeta a crença, na verdade os processos da comprovação e negação são vital em alguns aspectos e em outros não por causa mesmo das constantes mutações complexas dos fenômenos existentes. Pensar que ensinamos um **ente** a ser pensante estamos sendo reducionista do ente. Mas, podemos ensinar ao **ente** a ter sempre em conta as indagações por serem mais útil que as afirmações: Quê? Quem? Como? Porquê? Quando? tais indagações levam-nos a uma hermenêutica eterna sobre a educação do ente como ser sociocultural.

De fato a educação é anterior ao projeto pedagógico, sendo que esta é responsável pela implementação dos programas, planos e projetos. A humanidade necessita de programas que venha enfatizar e realizar de fato o combate ao analfabetismo, pobreza e a fome, assim, se evitaria de fato situações catastróficas em todas as dimensões, já que é comum observar-se

agendas com objetivos e metas bem delineadas, mas, a sua efetivação tem encontrado barreiras por falta de comprometimento dos Estados, porque estes têm incertezas sobre a perpetuação como líderes dominadores, e que, se despertarem as sociedades planetárias, correm o risco de perderem a hegemonia global ou regional.

A título de exemplo, consiste nas Agendas Nações Unidas e da União Africana – A primeira no objetivo 1 que diz “Criar enquadramentos políticos sólidos ao nível nacional, regional e internacional, com base em estratégias de desenvolvimento a favor dos mais pobres e que sejam sensíveis às questões da igualdade do gênero, para apoiar investimentos acelerados nas ações de erradicação da pobreza; a segunda da União Africana 2015 – 2063 sobre as aspirações do seu ponto 9 espelha de que “estamos determinados a erradicar a pobreza numa geração e promover a prosperidade comum, através da transformação social e económica do continente”; já o Plano de Desenvolvimento Estratégico Indicativo Regional da SADC, sublinha que “a cooperação em políticas de segurança alimentar conduziu a um mecanismo eficaz de prontidão e gestão de catástrofes através da implementação de programas e projetos destinados à detecção antecipada, alerta precoce e mitigação dos efeitos das catástrofes”.

Mas na verdade, estas Agendas e Planos são realidades utópicas quando se observa milhares de pessoas anualmente estarem numa pobreza extrema, passando fome, nem sequer têm possibilidade de adquirirem uma refeição diária condigna, a nesta situação estão as oportunistas doenças, surtos, endemias e a colocação em condições de vulnerabilidade extrema alguns grupos culturais, quase em via de extinção na África como é o caso dos *khoisan* Boximanes “*Bosquímanos*” entre outros, a protecção destas castas passa não apenas na elaboração de Agendas, Planos, Programas, mas sim, na educação, no comprometimento, na efetivação e no cumprimento rigoroso das mesmas, assim, poderá se salvar o mundo destas catástrofes humanitárias sem igual.

Libânio (2014), afirma que “um dos fatores sustentadores da aprendizagem revela ser a educação problematizada, pois esta decorre em ambientes socializadores e humanizados no quadro da ação pedagógica”. Todo e qualquer desenvolvimento passa, necessariamente, na definição dos objetivos educacionais e de ensino que devem ser planificados a curto, médio e longo prazo por serem as responsáveis nas mudanças socioeconômicas e tecnológicas do ser. Não se pode cobrar a qualidade se a política educacional não direccionar para a qualidade, ainda que se tenha os melhores e mais competentes professores, jamais se alcançará a qualidade, pois é a vontade política que determina, por ser este o que concebe os planos, programas e ações a serem desenvolvidas, e associados à vontade política estão as necessidades do mercado de trabalho que é o consolidar das políticas educacionais.

Esta forma de análise requer uma profunda reflexão, porque por mais que a ciência, a tecnologia desenvolvam, se não houver a vontade do Estado, para que se aplique a ciência e tecnologia em benefício da coletividade, a investigação ou os processos de educação e ensino em vão serão. Procura-se buscar um casamento eterno entre as políticas do Estado sobre a educação, ensino, investigação, qualidade e universalização dos projetos e planos com a filosofia do pesquisador

“investigador”; no caso dos Estados mais democráticos também que enfrentam estes problemas imaginemos àqueles que são embriões na democracia em que nível podem se encontrar? Realmente o que é o dever ser, deve ser um repto para todos o indivíduo em ter a consciência de que o Estado somente existe por ter povo e espaço geográfico, sem estes fatores não existe Estado e nem governo, logo, a mudança de consciência para conservar, preservar as condições naturais ambientais depende do esforço de todos.

Desafios da educação nos dias de hoje

A educação enfrenta grandes desafios, na perspectiva de gerar mudanças profundas em face às constantes crises humanitárias. Deste modo, deve-se perceber a visão, missão, objetivos e valores da educação numa sociedade.

A educação é o **núcleo** da luz, o *ensino* e a *instrução* apesarem de serem categorias da educação atuam como **raios** que ilumina as mentes obscuras, por isso, tem por missão de libertar o homem das correntes da ganância e do egoísmo mental, colocando o ente em constantes reflexões e indagações, de formas a promover o humanismo e o amor para consigo mesmo como ser social e ambiental. Pois, uma consciência libertada focaliza os caminhos, traz claridade onde existe abismo, assim, educar é um ato de amor, um ensinar, instruir e construir; quanto educador social ou professor tem de desenvolver a cultura de superação constante sendo capaz de transmitir os “conteúdos” conhecimentos de maneira clara, precisa e objetiva, trazendo sempre recursos a metodologia e métodos científico com enfoques múltiplos dentre os empíricos e os teóricos, existe a possibilidade em converter-se num verdadeiro defensor da verdade e do ambiente, de fato existe neste processo um dar e um receber, no binômio da relação entre educador e educando, quando o educando apropria-se do conhecimento e a partir deste, alarga as magnitudes de forma holística a partir de uma consciência crítica, criando novas ideias e demonstrando ser livre e converte-se num verdadeiro ativista do saber.

Não se quer transmitir a ideia de que a educação é um instrumento comerciável, ou manipulável e colocar o aluno como um objeto da manipulação do processo educativo como se tratasse de uma mercadoria; o que se quer na verdade é trazer uma narrativa para entender o verdadeiro sentido da complexidade destes processos. Existem fases e etapas a serem seguidas com rigor exigido, as ações e as tarefas de cada etapa para com os implicados no processo devem ser seguidos, para tornar o processo integrador, inclusivo e participativo, visto que o ensino, queira de forma explícita ou implícita, é transversal e está presente em todos os momentos e facetas da vida. O ensino, a educação e a instrução são transcendentais à ideia do ser. Estes processos decorrem de forma sistemática, controlada e avaliativa quando são desenvolvidos no ambiente escolar por estar legitimado; outros processos também trazem resultados bons quando planejados ou executados de forma intencional.

Os processo educativos, bem como, o do ensino e da aprendizagem, não estão simplesmente confinados no ambiente escolar, pois são transversais e estão presentes na família, na comunidade, na igreja e em toda esfera da vida, de fato, existem instituições que são encarregadas de

promover tais tarefas como seu objeto de forma sistêmica e metódica, mas a verdade é que todos somos chamados a sermos partícipes destes processos, pois existem valores que não são assimilados na escola, mas originam de outras instituições sociais.

Quem acorrer a uma instituição de ensino tem propósitos, seja do ponto de vista da realização individual ou coletiva, já que pensa-se que o último deste processo é trazer melhorias ou realização para si, para sua família e para a comunidade. Estudar não é uma tarefa fácil, por vezes, chega a ser mais difícil que exercer uma atividade laboral de desgastes físicos, ao decidir frequentar uma instituição de ensino, envolve-se vários fatores na tomada de decisão, visto que trata-se da formação que, para além do desejo e da vontade própria, exige e envolve fatores endógenos e exógenos combinados. A decisão da obtenção da formação aspira sempre o alcance de um bem, que pode ser material ou espiritual, mas no fundo é para satisfazer um desejo de colmatar uma necessidade – a necessidade que se traduz na melhoria das condições de vida.

A escola deve trabalhar para que o cidadão tome consciência sobre o tipo de homem que se quer ter em sociedade e na sociedade, visto que um dos maiores desafios perpassa, necessariamente, em observar a qualidade e seguir os padrões éticos aceitáveis que promovam o amor à vida dos seres.

De quem é a culpa da falta de qualidade?

Agir consiste em aplicar na prática aquilo que se sabe fazer, desenvolvendo atividades que possam gerar mudanças na consciência humana e na vida do ente vivo, mutável e dinâmico. A escola deve procurar reencontrar-se, resgatar os valores que a muito se tem perdido e mudar os paradigmas face a nova conjuntura ambiental; deixar de pensar que é a única promotora da verdade, enquanto se vê um consumidor desta, totalmente insatisfeito pelos resultados alcançados ao longo de sua existência. Assim, a escola é o canteiro da mudança e a mudança deve começar na consciência do indivíduo que faz a escola.

A teoria da cadeia da culpabilidade do sistema e processo de ensino é uma realidade fatual na qual, o professor do jardim de infância culpabiliza a família de nada fazer para que a criança chegue a esta instituição com a disposição de aprender, mas mesmo assim ela transita. O professor do I ciclo do ensino primário, atribui a culpa ao seu colega do jardim, dizendo que o jardim nada fez para colmatar as debilidades que esta criança apresenta, mas mesmo assim, este professor o faz transitar. Chega ao professor do I ciclo do ensino secundário, que faz de tudo para dar o maior esforço possível para minimizar, mas se este tiver muitos alunos nas mesmas condições não conseguirá alcançar os seus objectivos através do diagnóstico inicial aplicado, e pela pressão da direção da escola ou da sociedade o faz transitar, este chega no II ciclo do ensino secundário com um grande esforço, em muitos casos irreversível, pela realidade das políticas públicas, onde a figura do professor é julgada, não por quanto alunos aprovam por saber mas, mas pela quantidade de reprovados, sob pena de ser sancionado “finge de que nada está mal com recomendação de que vai superar non ensino superior”. a universidade será a

responsável em licenciá-lo, o mais caricato é que os alunos ao submetidos em exames de aptidão para ingressar ao ensino superior, são admitidos, e passando algum tempo a universidade diz que os alunos foram mal preparados no II ciclo por isso eles não apresentam um rendimento acadêmico aceitável. Fala-se desta Cadeia da Culpa, em que o ensino superior culpabiliza o ensino do II Ciclo secundário este, I ciclo secundário e este o I ciclo primário e I ciclo ao do jardim, e o jardim aos pais, e os pais ao Estado.

Mas como a culpa não quer morrer sozinha, o governo também culpabiliza a culpa, uma espécie de “teoria da conspiração e da estupidez”, todos fazem parte da sociedade e o sistema deve responder às expectativas da sociedade por ser sociedade. Então de quem é a culpa? Sim, a culpa é minha, tua, dele e nossa. Não existe um sistema de educação e ensino forte sem a envolvimento do cidadão. É o cidadão quem deve gerar as mudanças fazendo pressão aos governantes que são os decisores das políticas públicas. Quem sente é aquele que vive a realidade mesmo sem saber a verdade.

Para haver melhoria no sistema de educação e ensino é necessário que o cidadão tenha a cultura de ser um avaliador dos serviços que lhe são oferecidos, e conhecer seus direitos para melhor exigir, sendo que, quando se tem uma sociedade culta e exigente, ajuda ao decisor criar políticas e tomadas de decisões mais certas, para não defraudar com as expectativas do cidadão consciente; quando o gestor sabe que tem cidadãos exigentes na qualidade da cobrança de direitos, a preocupação deste será maior e dar-se-á o seu máximo como servidores públicos do ensino, exercendo e conduzindo com transparência possível o processo, exigindo dos seus colaboradores a qualidade necessária e desejada.

Estes princípios estão intrinsecamente ligados com a gestão da qualidade no processo de ensino-aprendizagem, e constitui matéria complexa de ser analisada, por se tratar de um setor complexo no âmbito social, e que seus efeitos são transversais a toda a esfera humana e social, e os seus intervenientes diretos terem uma responsabilidade tripartida entre escola (Estado), família e sociedade na sua conjugação extensiva.

Para uma melhor compreensão, achou-se conveniente analisar o conceito de gestão, e fazer a correlação no processo em apreço. Teixeira (2017) trata da gestão como processo para se conseguir obter resultados (bens ou serviços) com o esforço dos outros. Pressupõem a existência de uma organização, isto é, várias pessoas que desenvolvem uma atividade em conjunto para melhor atingirem os objetivos comuns.

Vale assinalar que nos processos de gestão devem estar presentes a organização e a planificação clara com objetivos bem definidos e focados na visão, missão, valores e nas metas da execução das ações que se cogita para a instituição, porém, deve ser acompanhado com o processo de avaliação sistemática em todas as etapas, períodos da execução das ações, a avaliação das dimensões e indicadores, que levariam numa hermenêutica dos resultados obtidos por cada etapa ou fase. Deste jeito, permite fazer as correções pontuais e precisas para poder classificá-las e comprovar se porventura existe a correspondência do planificado com o resultado obtido. Estes resultados após serem analisados, pormenorizadamente, poderão ajudar na emissão do

parecer sobre a existência ou não da qualidade.

Rosa Breña e Maria Valdés (2019) afirmam que a qualidade como conceito tem dois enfoques fundamentais: o objetivo intrínseco e o subjetivo ou extrínseco. Os enfoques objetivos baseiam-se no cumprimento de certos requisitos específicos e normativos previamente estabelecidos para os produtos, serviços, processos, sistemas ou outros objectos em uma atividade conhecida. Já o subjetivo está relacionado com a prática e entende-se como a excelência inata, absoluta e universalmente reconhecida, para estes autores esta é a qualidade transcendental.

Para uma compreensão fácil do conceito importa destacar o objetivo e o subjetivo que não depende do indivíduo, mas envolve o indivíduo tanto do ponto de vista individual ou coletivo; a qualidade também está ligada com os interesses coletivos ou individuais, daí a consistência da subjetividade do conceito e do ponto de vista das perspectivas de quem analisa. Para as sociedades menos egoístas não se importar somente com o coletivo mas que o individual, pode fazer toda a diferença do coletivo.

Tobón (2010, p. 73) argumenta que na década de 90 apareceu a padronização da gestão da qualidade nas organizações, com a finalidade de assegurar que os processos desenvolverão acordos com padrões estabelecidos nas áreas e se encontre os modelos da gestão de excelência. Nos anos atuais as normas ISO 9000 têm sido incorporadas nas instituições educativas para assegurar a qualidade académica dos estudantes por intermédio da articulação com o modelo das competências.

Voltamos a tecer que é imprudente definir um modelo ideal na formação de nível básico ou superior. Para os países o que se deve definir são elementos que traduzem a competência profissional dos indivíduos, a qual se deseja formar, faria sentido em estabelecer perfis e ideias capazes de responder às exigências do mercado do trabalho, partindo do princípio da versatilidade e volatilidade do mercado de trabalho e havendo a correspondência entre a academia, a expectativa do indivíduo e do patronato, o relacionamento destas instituições deve ser vista como um casamento sólido versado na competência e qualidade.

Ao analisar a qualidade do ensino nem sempre podemos relacionar com a instituição que o formou, apesar desta ter uma responsabilidade direta na construção do perfil profissional, o que muitas das vezes, não passa como investigadores, e são os fatores intrínsecos do indivíduo em eleger uma determinada área de formação, que nem sempre corresponde ao desejo do indivíduo, mas, pelas circunstâncias da vida eleger realizar uma formação por falta de possibilidades ou de uma orientação vocacional a profissão.

Por isso, defende-se a ideia de que a qualidade no ensino secundário, técnico profissional e superior deve ser analisada a partir de duas perspectivas: na perspectiva ideológica – que é a que concebe as políticas do sistema de educação e ensino, “conformação dos currículos, planos e manuais, infraestruturas” – e, a segunda que tem a ver com o tipo de professores – aquele que faz acontecer as políticas traçadas ao conceber os planos currículos – e, que deve se ter em atenção com o tipo de mercado que se pretende destinar o profissional por se formar. Por

outro lado, o Estado deve estabelecer metas flexíveis e exequíveis, para se evitar ao máximo possível as situações antagônicas no desenvolvimento dos territórios locais, ao planificar e definição dos objetivos estratégicos a curto, médio e longo prazos, devendo ser realísticos de formas a se alcançar o estágio desejado da qualidade.

Para Silva (2016, p. 160), *“a excelência é um quadro de referência que representa o mais elevado patamar da qualidade, que pressupõe que se tenha reunido sucessivamente, características que definem o estágio da evolução qualitativa superados por ações qualificantes”*. Silva destaca nos seguintes termos quando trata-se, assim, de um processo calculado, complexo e moroso mediante o qual se identificam os indicadores de qualidade inerentes a cada estágio a alcançar e se realizam ações até obter o cenário idealizado, cujas características são consideradas em conformidade com os mais elevados padrões de desempenho.

Nesta perspectiva, a mensuração da qualidade não é exclusivamente observada nos atos formativos, mas sim, na correspondência do processo formativo ligado ao desempenho do profissional, a correspondências entre a necessidade e a satisfação é que determinará a qualidade, o que pode implicar na autenticidade. Observa-se o processo com verdade, e o *feedback* entre a escola e o mercado de trabalho deve ser pontual e oportuna, de modo a serem evitados as ilusões, de formar por formar, visto que a formação objetiva traz maior e melhores resultados.

Ser autêntico é estar disposto a pagar alto, pois, a muito tempo que os que possuem conhecimento, quando colocam a disposição de todos, são incompreendidos e muitas vezes perseguidos, quanto mais aqueles que têm consciência crítica? Vivem como se de uma selva se tratasse, a inteligência está a disposição de todos, mas, a sabedoria não, porque esta requer devoção e autenticidade. Os desastres catastróficos existem porque não se tem observado as vulnerabilidades sociais, que passa na criação de condições com ideias e materiais resilientes aos seus impacto, e na ideia de que todo e qualquer desastres é consequência de um fenômeno, seja de géneses natural ou e antropogênica/tecnológica. Nesta conformidade, o primeiro em si não tem qualquer influência destrutiva, mas se for associado sim, os desastres causados por uma educação incipiente é o mais mortífero.

A maioria das escolas nos ensinam de acordo com os alinhamentos estratégicos, e nós devemos ter a capacidade de identificar quais são os interesses específicos dentro da estratégia macro. Em muito casos, as estratégias estão a serviço pessoais do padrinho em vez do paraninfo. Assim, a universidade deve promover a figura do paraninfo e deixar de promover a imagem dos padrinhos, os defensores das causas justas devem ser honoríficos e perpetuar suas ideias para que haja, na verdade, um mundo digno de se viver. Tudo passa pelo resgate dos valores éticos, humanistas, cívicos e de cidadania, e somente assim se construirá uma identidade profícua da humanidade, distanciados dos desastres calamitosos.

CONCLUSÃO

A transversalidade das ciências da educação consistem na sustentabilidade de todas as

profissões, e para além de existirem as ciências profissionalizantes, elas têm uma certa dependência naquilo que é a didática, pedagogia e da filosofia da educação, por serem estes os pilares que orientam de forma intencional do sistema e do processo de ensino mas, estas, somente coabitam se o ambiente for consolidado.

É sabido da existência de desastres causados por fenômenos naturais, antropogênicos/ tecnológicos e ou associados, sendo que estes, podem produzir efeitos catastróficos quando encontrarem ambiente vulnerável e hostil propenso para tal, mas, se a ocorrência destes eventos encontrarem um ambiente resiliente em todas as facetas os seus efeitos não serão tão desastrosos ou calamitosos. A ideia é que as ciências da educação devem começar a promover uma consciência de docentes resilientes, das consequências nefastas dos fenômenos, da falta de qualidade no desempenho de suas funções, criando condições de ensinar ao ente humano, para ser crítico e exigente com ele mesmo, assim, será possível aproximar-se a verdade de que os efeitos dos desastres são reduzidos ao mínimo possível. Não nos referimos somente aos desastres relacionados aos fenômenos oriundos de chuva, Sol, ou inundação e secas, existem também, desastres ligadas aos políticas de Estados em promover o bem estar das sociedades, que passa necessariamente na preservação e conservação do ambiente, promovendo uma educação integral e inclusiva. A ocorrência destes fenômenos é uma evidência incontornável e inevitável, mas, a redução dos seus impacto poderão ser evitados e/ou minimizados.

Realmente a qualidade no ensino não deve ser somente uma ideia, mas sim, deve estar circunscrita nas metas nas ações dos seus idealizadores e atores. A clarividência dos sistemas e dos processos obedecem estágios, “etapas, com objetivos, tarefas, missões e ações estruturadas, consoante aos níveis e subsistemas de educação e ensino, ao desempenho e a competência de profissionais, e terá garantias da qualidade se porventura, cada etapa do processo forem avaliados. Lembrar que a educação não é somente promovida na escola, pois existem instituições nucleares, fundamentais e determinantes que são a família, a comunidade, as igrejas e outros intervenientes subjetivos.

A educação, o ensino e a investigação científica, as TICS são conceitos e categorias impulsionadoras de desenvolvimento, e o Estado tem o dever garantir ou criar instrumentos, “leis” mais rigorosos para a avaliação das instituições que promovem a formação por natureza e tipologia de formas, buscando harmonizar e garantir que não haja disparidade nas dimensões e indicadores dos qualificadores, seja naquelas que são promovidas por entes civis, militares, para militares e religiosas, e também as públicas de promotores privados, assim se evitaria frustrar as expectativas do cidadão que ocorrer nelas em busca do saber, para sua realização profissionalmente, e que o processo seja de fato inclusivo, não de favoritismo, mas que todas as instituições tenham a oportunidade de concorrer em pé de igualdade, com destemor, e acreditem no avaliador e no fiscal, que não deve ser o Estado de forma singular a organizar o processo, mas que haja inspetor externo que participe na creditação das mesma isso para garantir a imparcialidade nas tomadas de decisões.

O maior desastre catastrófico que mais vitima a humanidade, está ligada às debilidades dos

sistemas e processos de educação e ensino, instrução e investigação, que não têm sido precisos para a mudança da consciência e promoção de um ambiente sustentável inclusivo e participativo. O grande desafio dos dias de hoje, sem sombra de dúvida, consiste na consciencialização da humanidade e inculcar a ideia de que não existe Estado e Governo sem Povo no espaço geográfico. Se os indivíduos como singular não tiverem a consciência de que a mudança deve ser agora e começar pela coletividade, nada fará, já que o ambiente hoje apresenta grandes esforços, pela minha, sua e nossa irracionalidade. A Universidade tem muito que fazer para que seja possível reverter o quadro que hoje o planeta Terra apresenta. A humanidade já morreu ontem, precisamos ressuscitá-la para que não se encerre o mundo.

BIBLIOGRAFIA

- Canjo, L. (2023). Reflexão Sobre o Ensino Superior em Angola; Basta de Culpabilizar é Hora de Agir, Editora Mais Leitura, Luanda, Angola.
- Jover, J e Quiñenes A. (2018). La educación superior como agente del desarrollo local. Experiências, avances, obstáculos. Editorial Félix Varela, La Habana, Cuba.
- Libânio, J. e Alves, N. (2012). Temas de pedagogia, diálogo entre Didáctica e Currículo. Editorial de educação, São Paulo, Brasil.
- Mañú, J. e Goyarrola, I. (2011). Docentes Competentes. NARCEA, S.A. de Adiciones, Madrid, España.
- Mendes, M. (2013). Avaliação da qualidade e educação superior em Angola. Editora KAT, Angola.